

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

CHRISTOPHER YURI DOS REIS MORAES FURLAN

**HOMEM PEDAGOGO: UMA EXPERIÊNCIA NO TRABALHO COM CRIANÇAS
DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

CAMPINAS/SP

2017

Christopher Yuri dos Reis Moraes Furlan

**Homem pedagogo: uma experiência no trabalho com crianças dos Anos
Iniciais do Ensino Fundamental**

Trabalho apresentado como exigência parcial para conclusão do curso de Pedagogia, ministrado pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação da Profa. Dra. Ana Lúcia Guedes Pinto.

Campinas/SP

2017

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): Não se aplica.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

F978h Furlan, Christopher Yuri dos Reis Moraes, 1992-
Homem pedagogo : uma experiência no trabalho com crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental / Christopher Yuri dos Reis Moraes Furlan. – Campinas, SP : [s.n.], 2017.

Orientador: Ana Lúcia Guedes-Pinto.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Pedagogia. 2. Feminização. 3. Gênero. 4. Experiência. 5. Homens. 6. Ensino das séries iniciais. I. Guedes-Pinto, Ana Lúcia, 1969-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Titulação: Licenciado

Data de entrega do trabalho definitivo: 23-11-2017

Agradecimentos

À minha família que sempre me apoiou e esteve comigo frente a qualquer situação, preconceito ou barreiras da sociedade.

À minha professora Ana Lúcia, pela atenção, paciência e compreensão. E por mostrar a importância da reflexão sobre a própria prática.

A Deus ou qualquer outra figura de luz que me acompanha, ilumina meus caminhos, e me dá força em todos os momentos.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso busca refletir sobre minha prática atuando com crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, sendo uma figura do gênero masculino. O ambiente escolar, no que se refere ao trabalho com crianças, é predominantemente caracterizado por docentes do gênero feminino. Ao tornar como opção a profissão de Pedagogo com intuito de exercer meu trabalho com crianças, já imaginava que tal escolha poderia causar estranhamentos nas escolas em que eu atuasse, tanto pela equipe pedagógica quanto pelos alunos e suas famílias, por conta de eu ser homem. Meu trajeto como professor auxiliar e também monitor em um período de três anos, trabalhando com crianças, proporcionou-me as mais diversas experiências por ser uma figura masculina em sala de aula. Desta forma, busco trazer o contexto histórico do processo de feminização do Magistério, refletir o cenário de ingressantes (por gênero) do curso de Pedagogia Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, bem como analisar alguns episódios vividos em minha trajetória, problematizando-os tendo como referência nossas interações na relação de trabalho no ambiente escolar.

Palavras-chave: Pedagogia. Feminização. Gênero. Experiência. Homens. Ensino das séries iniciais.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. A FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO: UM BREVE RECORTE HISTÓRICO DO PROCESSO NO BRASIL.	10
3. O CURSO DE PEDAGOGIA: A DIFERENÇA DE GÊNERO NA ATUALIDADE	15
3.1 DADOS DOS INGRESSANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO	16
3.2 CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS	18
4. METODOLOGIA	23
5. A EXPERIÊNCIA NO TRABALHO COM CRIANÇAS	26
5.1 AS FAMÍLIAS	36
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

1. INTRODUÇÃO

Era Janeiro de 2015, final do mês, primeiro dia de aula em uma instituição de ensino da rede privada, tradicional na cidade de Campinas. Era também um dia muito importante: meu primeiro dia trabalhando como professor auxiliar/estagiário, além de ser a primeira experiência no trabalho com crianças.

Sala 85, final do corredor, última sala à esquerda. A turma do 2º ano F, junto à professora R. esperavam a minha chegada. Confesso que estava nervoso, ansioso, não sabia o que esperar. Será que as crianças me receberiam bem? Será que estranhariam minha presença? Será que notariam que ser uma figura masculina era algo diferente naquele ambiente predominantemente feminino? E a professora, como me receberia? Ela se sentiria à vontade comigo?

Apresento-me e já participo da primeira atividade: uso do caderno quadriculado. Vamos trabalhar matemática, mais especificamente as dobraduras. Sou o escolhido para ir à frente de uma turma com 21 crianças, atentas a cada gesto meu, para ensinar a dobrar um elefante. Minhas mãos ficam trêmulas, a voz também. Será que eu vou conseguir? É isso que eu quero? Será que esse não é um trabalho de fato para mulheres? Vejo-me cercado de questionamentos internos, pré-conceitos, estranhamentos.

Passado o momento inicial, tudo certo. Disponho-me a ajudar as crianças com dificuldade nas dobraduras; eis que começo a ouvir a palavra “tio” por todos os cantos da sala. Nesse momento percebi em mim um alívio. Foi o primeiro momento em que me senti como parte daquele ambiente, afinal, sou reconhecido como “tio” assim como a professora é a “tia” – não entrarei ao mérito sobre o uso do termo ser adequado ou não no papel de professor.

Não demora muito para que uma aluna, a aluna M, a qual eu estava ajudando em sua mesa a fazer a dobradura - porque ela estava com dificuldade, se manifeste e externalize seu estranhamento. Essa experiência foi inesquecível e marcante em minha trajetória:

“- Tio, posso fazer uma pergunta?

- Claro que pode, M, o que é?

- Você vai ser professor, não é?

- Sim, isso mesmo, e estou aqui para aprender, porque estou estudando para isso.

- *Mas, você vai ser professor do quê?*
- *Como assim, professor do quê?*
- *Ah, professor de Educação Física ou Inglês?*
- *Não, eu vou ser professor igual a sua professora. Vou dar todas essas aulas que vocês têm e acompanhar vocês em sala de aula todos os dias.*
- *Hm... (pausa para reflexão) que engraçado, eu nunca tive um professor homem, só de Inglês e de Educação Física. ”*

O diálogo relatado marcou meu primeiro dia em sala de aula. A partir desse dia, comecei a pensar no quanto a figura masculina poderia causar estranhamento nas crianças, que em sua grande maioria tiveram apenas experiências com professoras do gênero feminino desde a Educação Infantil. Comecei um processo de reflexão e de construção sobre o porquê desta rara presença masculina no trabalho com crianças, mais especificamente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, que é minha área de atuação.

A escola em que atuo desde 2015 até o presente momento da escrita deste TCC, tem apenas professoras do gênero feminino no segmento da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Como a própria aluna apresentou em sua fala, os professores homens estão presentes nas disciplinas de Inglês e Educação Física – e recentemente, Filosofia. Em um quadro de aproximadamente 30 professoras – titulares e auxiliares de sala – apenas eu apareço como figura masculina que esteja ligada à área da graduação em Pedagogia e não outras licenciaturas específicas.

Esse é mais um fato a se pensar: a Pedagogia tem que ser um curso predominantemente feminino? Analogamente, licenciaturas específicas como Educação Física ou Filosofia contam, aparentemente, com uma presença masculina maior.

Além disso, fazem parte do meu dia a dia diversos outros dizeres provenientes das minhas companheiras de trabalho que me colocam a refletir sobre o que elas acham sobre a presença masculina em sala de aula. Esse sempre foi um ponto que marcou minha escolha de profissão de forma negativa. Explico melhor: em diversas entrevistas que já realizei de seleção para professor auxiliar, antes de entrar na escola em que hoje atuo, minha presença (masculina) não é aceita por

algumas escolas para o trabalho com crianças. Encontrei algumas vezes anúncios de vagas para escolas da rede privada de Campinas, com a seguinte informação:

“Vaga exclusiva para profissionais do sexo feminino.”

Tal discriminação também pede mais uma reflexão, afinal, como será que a equipe pedagógica vê minha figura masculina em sala de aula?

Surgiu então a ideia de desenvolver, através do meu Trabalho de Conclusão de Curso, a problematização dessa figura masculina no trabalho com crianças, buscando um olhar retrospectivo sobre o porquê ocorreu esse processo de feminização nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, por meio do estudo da história da profissão, que hoje é naturalizado como ambiente de mulheres.

2. A FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO: UM BREVE RECORTE HISTÓRICO DO PROCESSO NO BRASIL

Para podermos entender a predominância do sexo feminino no Magistério no Brasil, é preciso olhar para a história da profissão docente em nosso país. Para isso, busquei autores que discutissem a relação da profissão com a questão de gênero.

Segundo Demartini e Antunes (1993, p. 6), que trazem contribuições sobre o ingresso da mulher no Magistério primário e sobre o processo que tornou essa profissão predominantemente feminina, durante todo o período colonial no Brasil a mulher foi afastada da escola. Os colégios então administrados pelos jesuítas eram destinados apenas aos homens, às mulheres cabiam obrigações ditas “femininas” como: lavar, bordar, costurar, e cuidar de seus filhos.

As mulheres durante o século XIX tinham como responsabilidade o extremo cuidado com atividades domésticas e o cuidado com sua família. Essas deveriam viver na concepção de família pautada no patriarquismo, e deveriam obedecer e serem dependentes do homem da casa (MARIANO, 2016, p. 167).

Demartini e Antunes (1993) nos mostram que somente em 1827 as mulheres adquirem o direito à educação:

Pela lei de 15 de outubro de 1827, a mulher adquiriu o direito à educação, através da criação de escolas de primeiras letras para meninas. Com isso também surgiram às primeiras vagas para o sexo feminino no magistério primário, e sua possibilidade de instrução foi ampliada. (DEMARTINI E ANTUNES, 1993, p. 6)

Todavia, é interessante observar que essas mudanças ocasionaram também, como destacam as autoras, à discriminação sexual. Neste período, havia diferenças de currículos, e ganhava-se maior remuneração por disciplinas lecionadas. Cabia às professoras lecionarem disciplinas que abordassem apenas no que diz respeito à aritmética (quatro operações básicas de matemática), sendo também responsáveis por ensinar as prendas que serviriam à economia doméstica.

Por outro lado, os homens ensinariam questões a respeito do ensino de religião (Católica e Apostólica Romana), gramática da língua portuguesa, ler e escrever, operações de aritmética, proporções, geometria e história do Brasil (DEMARTINI E ANTUNES, 1993, p. 6). Desta forma, era proibido que as mulheres

ensinassem as mesmas disciplinas que os homens, ocasionando a discriminação entre os sexos, e conseqüentemente as diferenças salariais.

No Brasil, Mariano (2016, p. 22), autor que traz em sua tese de doutorado as influências que o trabalho docente feminino exerceu na cultura escolar do extremo oeste paulista, relata que, em meados do século XIX, acontece o crescimento da produção de café e o início do processo de industrialização e urbanização. E por conta dessa expansão econômica, os homens começaram a deixar a carreira de docente, abrindo caminho para que as mulheres ocupassem esse espaço no mercado de trabalho, saindo apenas do âmbito doméstico e de caráter de submissão.

Ou seja, às mulheres foi concedida a ocupação desse cargo anteriormente exercido pelos homens para que eles pudessem ingressar nas novas profissões que se delineavam. Tal estudo reforça a tese de Demartini e Antunes (1993), sobre o fato de que o desenvolvimento da profissão feminina se deu em função de um vazio permitido pelo desvio dos homens para outros interesses de trabalho.

Por outro lado, a profissão de docente no Magistério começa a ser vista como uma extensão do lar, visto que a profissão toma características tidas como femininas. Mariano (2016) complementa em relação à visão da mulher no magistério naquele momento:

O magistério era tido também como um escape à obrigação do matrimônio. A docência se comparava ao casamento, podendo-se assim, justificar o fato de a mulher ser solteira e também reforçar a ideia de 'não profissionalismo', pois não havia motivos para se exigir um salário maior para uma atividade 'maternal', que não é cobrada no cotidiano doméstico. A escola se envolvia, dessa forma, em uma dualidade, pois se por um lado dava oportunidade da emancipação feminina quanto aos antigos dogmas que as prendiam ao lar; por outro lado deixava as ligações da escola com a casa bem estreitas, promovendo na verdade uma "escolarização do doméstico". (MARIANO, 2016, p. 23 apud MARIANO, 2011, p. 59).

Neste período – final do século XIX – com o crescimento das mulheres presentes nas Escolas Normais, tais normatizações sobre o comportamento feminino no âmbito privado – dedicação às atividades domésticas e ao cuidado com crianças – são transferidas para o setor público, ou seja, seu ambiente de trabalho.

Mariano (2016) destaca a posição pensada para a mulher que trabalhava no Magistério naquele momento:

Acreditava-se que se as mulheres cuidavam de seus filhos em seus lares, o “mais adequado” seria que elas ocupassem os postos de trabalho que as ligassem às funções domésticas, isto é, trabalhando com a educação das crianças. Desta forma, a via educacional percorrida pelas mulheres as levou à própria educação escolar como uma das primeiras formas de profissionalização. Profissão que, no decorrer do século XX, passou a ser majoritariamente feminina. (MARIANO, 2016, p. 168)

Podemos notar, então, a dualidade que acontece neste período: ao mesmo tempo em que a mulher conquista a emancipação, no sentido de sair finalmente apenas do âmbito doméstico e conquistar o mercado de trabalho, buscando sua autonomia, esse mesmo mercado de trabalho é visto como uma extensão do lar, já que naquele momento a mulher tinha como obrigação o cuidado com o lar e com as crianças, o mesmo deveria ser feito no espaço público.

Posteriormente, Mariano (2016, p. 170) contribui, ainda, trazendo dados referentes à tendência de formação de mulheres nas Escolas Normais do Ensino de São Paulo. Segundo o autor, na primeira metade do século XX, as mulheres se aproximaram cada vez mais da carreira docente, e isso pode ser visto nos dados trazidos por ele, retirados do Anuário Estatístico de São Paulo (1942):

Ano	Ensino Estadual		Ensino Municipal		Ensino Particular		Total
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	
1938	894	11.747	183	1.245	710	2.349	17.128
1939	889	12.169	171	1.333	592	2.251	17.405
1940	901	12.528	150	1.374	542	2.287	17.782
1941	943	12.940	143	1.453	595	2.293	18.367

(MARIANO, 2016, p. 170)

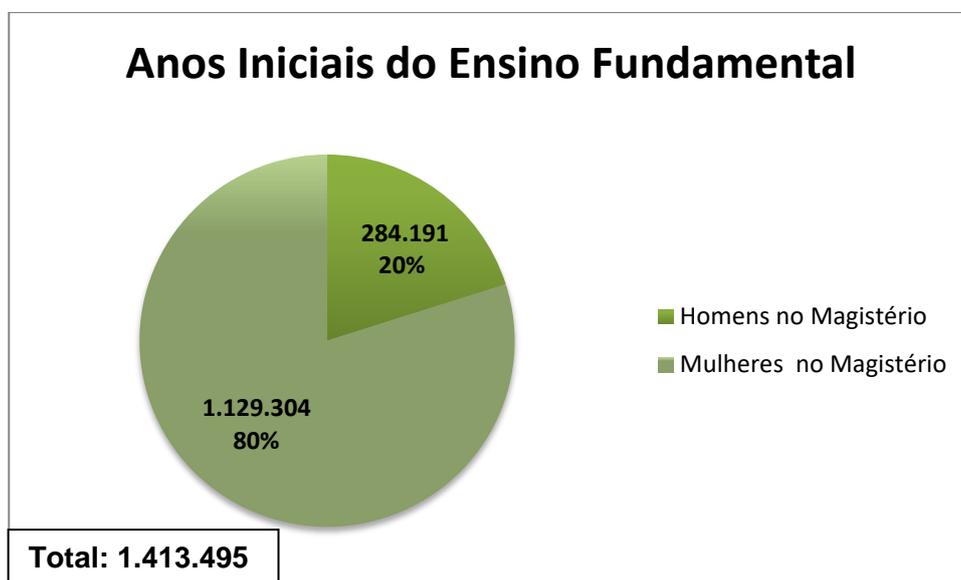
Em todas as faces do sistema (Estadual, Municipal e Particular) a presença e predominância das mulheres é notada e com uma diferença marcante em relação aos homens. Percebemos não só um número bem maior de mulheres professoras, como também um crescente aumento ao longo dos anos,

Após essa pequena retrospectiva histórica, é possível perceber a profissão do Magistério, principalmente ao se trabalhar com a educação de crianças, tornou-se um papel visto socialmente como algo específico da mulher. As mulheres tinham

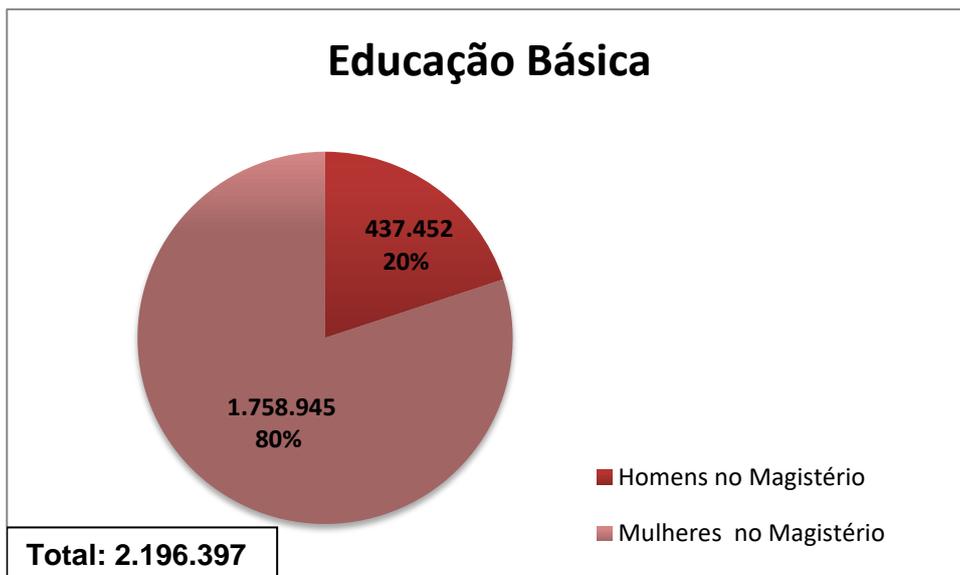
uma “obrigação social” nessa profissão, uma vez que era ligada ao trabalho doméstico e à maternidade, ou de forma mais clara: à extensão do lar.

Por outro lado, como já citado e bastante ressaltado por Mariano (2016), as mulheres também tiveram a oportunidade, através da ocupação do exercício do Magistério, de ingressar no ambiente de trabalho – profissionalizado e regulamentado - e sair do ambiente doméstico, conquistando cada vez mais a entrada nos espaços públicos. A carreira de docente passou a ser ocupada pelas mulheres e abandonada pelos homens que começaram a ocupar outros espaços, que buscavam oportunidades mais promissoras e vantajosas em termos salariais.

Chegando à atualidade temos um cenário parecido com o de nosso passado apresentado anteriormente. Se observarmos os dados das Sinopses Estatísticas da Educação Básica de 2016 (INEP, 2017), podemos perceber que, apesar do passar dos anos, a presença de homens atuando na docência da Educação Básica, e mais especificamente, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental ainda é pequena se comparada às mulheres:



Fonte: Sinopses Estatísticas da Educação Básica de 2016.



Fonte: Sinopses Estatísticas da Educação Básica de 2016.

Se fizermos um esforço de olhar para nossas memórias escolares, possivelmente lembraremos que a grande maioria das nossas experiências aconteceu com professoras. Da mesma forma, se observarmos o contexto de hoje, nas escolas de parentes, amigos, filhos, conhecidos ou mesmo onde exercemos nossa profissão – caso seja no ambiente escolar – perceberemos que esse mesmo cenário de experiências com professoras ainda permanece.

No próximo capítulo, trarei uma análise sobre os ingressos de Pedagogia na Universidade Estadual de Campinas, com o intuito de olhar a relação de homens e mulheres, na contemporaneidade, que se interessam pelo curso. Além disso, trarei uma reflexão sobre a presença feminina na docência, principalmente ligada à atuação com crianças, e um pouco da minha experiência no curso de Pedagogia.

3. O CURSO DE PEDAGOGIA: A DIFERENÇA DE GÊNERO NA ATUALIDADE

Desde pequeno eu sempre quis ser professor. Lembro-me de ganhar uma pequena lousa da minha mãe e de fazer aquela clássica brincadeira em que a criança dá aula para seus amigos e parentes.

Quando estava no Ensino Médio já havia decidido que queria ser professor ou psicólogo, e no curso de Pedagogia eu sabia que teria oportunidade de juntar a Psicologia à Pedagogia, por isso, sempre foi uma área de desejo e interesse. Havia nessa época uma professora de matemática – aqui denominada por M. – da qual eu gostava muito e que sempre foi muito interessada sobre os caminhos e escolhas que eu tinha em mente para traçar após sair da escola.

Certo dia, em uma conversa em sala de aula, a professora M. e eu tivemos um diálogo que ficou guardado em detalhes na minha cabeça e do qual nunca esqueço, devido ao impacto que provocou em mim:

“- Você já fez sua inscrição para o vestibular, Chris?

- Já sim, professora!

- E qual curso você vai prestar?

- Decidi prestar Pedagogia, tenho muito interesse nessa área, acho que vou gostar bastante...

- Pedagogia? Pedagogia não! O curso de Pedagogia não dá dinheiro, só tem mulheres, escolha algo que dê dinheiro, existem várias Engenharias, já pensou nisso? A maioria dos homens faz Engenharia. ”

A fala da professora M. ficou marcada em minha vida até hoje, e se talvez eu não tivesse tanta convicção do caminho que eu queria traçar, poderia ter influenciado em minha escolha profissional. O conselho dado me trouxe algumas questões: eu deveria mudar de profissão por ser uma “profissão só de mulheres”? Deveria escolher e traçar meus objetivos acadêmicos a partir daquilo que me traria dinheiro? Por que a professora M. indicou engenharias?

Essa foi a primeira vez, então – dentre tantas, posteriormente - que ouvi em minha vida uma fala que desse visibilidade e destaque à questão do gênero como

algo referente e próprio ao curso de Pedagogia, já que até aquele momento eu não tinha a mínima ideia da maneira como era visto o curso.

Mesmo com algumas pessoas em meu círculo social reproduzindo o mesmo discurso da professora M. e me orientando a mudar de profissão, decidi ingressar no curso de Pedagogia e tive muito apoio de minha família.

Em 2014, ano no qual ingressei no curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, logo no primeiro dia de aula percebi a quantidade de meninas que havia em minha sala. Lembro-me de que a turma era composta inicialmente por cerca de 46 alunos, e desses 46 apenas 4 eram homens, incluindo a mim.

Foi neste primeiro dia em que percebi que era diferente ser homem neste curso, e me dei conta de como essa era uma profissão predominantemente feminina. A partir disso, ao recuperar minhas memórias dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, me dei conta de que todas as minhas professoras eram do gênero feminino e que nunca havia tido contato com nenhuma referência masculina na infância que não fosse de disciplinas ministradas por especialistas (Educação Física, por exemplo). Não foi, então, por acaso, que ouvi os comentários das crianças sobre seus estranhamentos a respeito de ter um professor homem que não fosse da Educação Física. Nem foi à toa que a professora M. me indicou as Engenharias ao invés da Pedagogia. Uma profissão se constitui sócio-historicamente, recebendo influências e marcas do seu contexto.

3.1 DADOS DOS INGRESSANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO

O curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, conta com 90 vagas, sendo 45 para o período integral e 45 para o período noturno, segundo o site da COMVEST (Comissão Permanente para os Vestibulares), órgão da Universidade responsável pela aplicação da prova de vestibular. Em seu site é possível encontrar a quantidade, por sexo, de homens e mulheres que ingressaram nos diversos cursos da Unicamp.

Trarei a seguir uma mostra em tabelas dos últimos quatro anos do curso de Pedagogia (em período integral), a partir do ano de 2014. Tomei como referência para fazer esse recorte temporal, o ano em que ingressei no curso de Pedagogia até o ano de minha conclusão:

Tabela 1 – Questionário Socioeconômico – Vestibular 2014.		
Pedagogia – Licenciatura (Integral) – (Todas as cidades)		
Sexo		
Em branco	0	0.0%
Masculino	4	8.7%
Feminino	42	91.3%
Total	46	100%

Fonte: Comissão Permanente para os Vestibulares, 2014.

Tabela 2 – Questionário Socioeconômico – Vestibular 2015.		
Pedagogia – Licenciatura (Integral) – (Todas as cidades)		
Sexo		
Em branco	0	0.0%
Masculino	5	11.1%
Feminino	40	88.9%
Total	45	100%

Fonte: Comissão Permanente para os Vestibulares, 2015.

Tabela 3 – Questionário Socioeconômico – Vestibular 2016.		
Pedagogia – Licenciatura (Integral) – (Todas as cidades)		
Sexo		
Em branco	0	0.0%
Masculino	4	8.9%
Feminino	41	91.1%
Total	45	100%

Fonte: Comissão Permanente para os Vestibulares, 2016.

Tabela 4 – Questionário Socioeconômico – Vestibular 2017.

Pedagogia – Licenciatura (Integral) – (Todas as cidades)

Sexo		
Em branco	0	0.0%
Masculino	2	4.4%
Feminino	43	95.6%
Total	45	100%

Fonte: Comissão Permanente para os Vestibulares, 2017.

Diante das informações expressas nos quadros podemos notar que em um período de quatro anos, período correspondente ao tempo duração do curso de Pedagogia (Integral), desde o ano de 2014, o número máximo de ingressantes autodeclarados como do gênero masculino foi de cinco (ano de 2015), dentro de um universo de 45 estudantes.

Os dados nos possibilitam perceber a diferença relacionada a gênero, que permeia até os dias de hoje, e que, conforme trazido no capítulo anterior, manifestava-se já no antigo curso de Magistério. Ou seja, as mulheres constituem maioria – senão quase parte de sua totalidade.

3.2 CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS

Para entendermos a discussão acerca das questões de gênero, mais especificamente aqui abordadas – gênero e docência – faz necessário procurar definir o conceito de gênero.

Para muitas pessoas o conceito de gênero ainda é novo e causa dúvidas e estranhamentos. Pereira (2016) traz contribuições sobre a questão de gênero em seu livro sobre a presença do professor homem na Educação Infantil. Os Estudos de Gênero são relativamente novos e se fortaleceram nos últimos 40 anos, em sua maioria desenvolvidos por pesquisadoras mulheres que estudavam as relações entre homens e mulheres, sobretudo na discussão das relações sociais desiguais (PEREIRA, 2016, p. 31).

Pereira (2016) apresenta algumas abordagens sobre o conceito de gênero, como por exemplo, as historiadoras Soihet e Pedro, que definem que nas Ciências Sociais significa a distinção entre atributos culturais designados a cada um dos sexos (PEREIRA, 2016, p.31 apud SOIHET; PEDRO, 2007, p. 288). Ou ainda Joan

Scott que traz em seu texto *Gênero, uma categoria útil para análise histórica*, a definição de gênero baseada em duas proposições interligadas e distintas sendo, por um lado, gênero um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças que são percebidas entre os sexos e, por outro, uma forma primeira de significar as relações de poder (PEREIRA, 2016, p.35 SCOTT, 1995, p. 21-23).

Dentre várias outras definições, o estudo de gênero nos ajuda a refletir sobre as relações sociais e nos possibilita poder analisá-las a partir da diferença de sexo entre os indivíduos e as relações de poder. Pereira (2016) complementa que:

Ao discutirmos o conceito de gênero, se faz necessário explicitar que entendo gênero de acordo com Scott, como uma categoria de análise que permite mapear tanto a história das mulheres como dos homens, assim como explicar as relações, desigualdades e hierarquias, entre homens e mulheres, mulheres e mulheres, homens e homens, que são social e historicamente construídas. (PEREIRA, 2016, p.40)

Ao abordarmos a questão de gênero e docência, podemos contar com estudos e reflexões desenvolvidas em alguns trabalhos sobre o assunto. Ferraz (2016) traz um estudo sobre gênero, masculinidade e a docência, tomando por base as visões de alunos do curso de Pedagogia da UFPB - Universidade Federal da Paraíba.

Segundo Ferraz (2016, p. 1) ao tomarmos a carreira de Pedagogia, nosso pensamento logo se direciona a associação da imagem feminina, e ainda nos voltamos aos seguimentos da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. O autor sinaliza que a questão da feminização do Magistério tornou-se uma problemática no campo da ciência da Educação.

É importante perceber que a presença predominantemente feminina nos cursos de Pedagogia até os dias de hoje é marcada pela diferença entre gêneros. Após trazer todo contexto histórico e abordar o Magistério como extensão do lar, é importante percebermos que tal desigualdade se constitui a partir de diferenças meramente biológicas entre homens e mulheres. Neste sentido, Ferraz (2016) destaca a importância de se pautar o conceito de gênero, buscando com isso construir um olhar menos ingênuo e que possa entender outras desigualdades, como as sociais e culturais, que o constituem:

O termo gênero, pois, constrói-se como instrumental teórico importante na análise das realidades sociais, desautomatizando leituras essencialistas e propondo pensar o como das desigualdades sociais se constituírem a partir

das diferenças percebidas entre homens e mulheres. Logo, essas são fundamentalmente sociais, baseadas que são na diferença biológica entre os sexos, servindo como “verdades” para justificar discursivamente experiências de opressão. (FERRAZ, 2016, p. 2)

Reconhecer que minha presença provoca, por tantas, vezes motivo de estranhamentos desde meu ingresso no curso de Pedagogia até meu trabalho em sala de aula e que isso se dá necessariamente pela diferença biológica entre mim e minhas companheiras de faculdade e de trabalho, nos mostra a procedência de refletir sobre esses processos sociais que acontecem, sobretudo, como tema aqui discutido. Na esfera da docência a questão de gênero pauta essa discussão para entendermos processos muitas vezes naturalizados na profissão e que não são discutidos, sendo muitas vezes negligenciados.

Outro estudo que contribui para a reflexão sobre a presença de indivíduos masculinos na docência pode nos ajudar a pensar nos cursos de licenciatura e a diferença de gênero. Oliveira (2016) fez um estudo sobre sujeitos do sexo masculino no curso de Letras, buscando analisar a diferença de gênero e os discursos desses ingressantes. Apesar de não ser um artigo que trate, necessariamente, do curso de Pedagogia, Oliveira (2016) apresenta interessantes contribuições referentes à docência, sobretudo quanto a também pequena presença masculina no curso e como a docência carrega a marca da questão de gênero, principalmente nos discursos produzidos pelos sujeitos entrevistados durante a pesquisa.

No curso de Letras temos um cenário parecido com o de Pedagogia, uma vez que, por ser um curso de licenciatura com foco na docência, existe também uma predominância feminina, e a presença masculina também causa estranhamento. Oliveira (2016) ao se referir às entrevistas com alguns estudantes do curso de Letras, traz um ponto importante e bastante ouvido nos cursos de licenciatura:

No contexto de investigação, alguns depoimentos dos participantes, em relação ao discurso alheio que constrói verdades dogmáticas, trazem que “o curso de Letras é destinado a mulheres”. Isso significa dizer que, na concepção de boa parcela dos participantes e da sociedade em geral, estar matriculado em um curso de Letras é aproximar-se de outras identidades de gênero que não as previstas dentro de uma hegemonia masculina. (OLIVEIRA, 2016, p. 558)

É incontável o número de vezes que, durante minha trajetória, desde o ingresso no curso de Pedagogia, ouvi de diferentes pessoas que o curso no qual eu

estou matriculado é um curso de mulheres, e muitas vezes fui questionado sobre o porquê de fazer esse curso.

Posicionamentos como esse reforçam a ideia de Ferraz (2016) sobre o quanto a questão de gênero é importante para as análises sociais. Grande parte das vezes (senão a maioria) constituem-se como falas que reproduzem, sem crítica, uma única visão de mundo e das profissões. É importante pensar a falta da discussão que permeia as questões de gênero, nesse caso, especificamente, causando preconceitos que afetam os ingressantes dos cursos de licenciatura, e futuramente, impactando a divisão sexual de trabalho.

Outro ponto interessante a se considerar é que, segundo Oliveira (2016, p. 554) homens e mulheres são marcados por sua representação de gênero nas profissões, e isso afeta a escolha de suas profissões. Hoje, ao olharmos o cenário da docência, é interessante pensar o fato de que ser professor do gênero masculino e trabalhar com crianças gera estranhamento. Contudo, por outro lado, no que diz respeito à docência no Ensino Superior, há uma forte presença masculina no campo da docência, uma vez que essa categoria é a que melhor remunera o professor (OLIVEIRA, 2016, p. 55 apud OLIVEIRA, 2013). Ou seja, mais uma vez, a questão salarial aparece como fator influente na escolha da profissão: homens tendem a ocupar profissões que são mais valorizadas financeiramente, enquanto as mulheres tendem a ocupar lugares menos valorizados. Dizendo de outra forma: os homens têm sido historicamente melhor recompensados financeiramente que as mulheres.

Diante de tantas contribuições, é possível pensar em como a questão gênero orienta os diversos papéis dos indivíduos em nossa sociedade, Oliveira (2016) afirma que:

Contudo, se cada indivíduo interioriza as estruturas do universo social e as transforma em jeitos de ver o mundo, os quais orientam condutas, os papéis exercidos pelo gênero, disseminados via linguagem no meio social, tornam-se relevantes porque definem o modo como as pessoas experimentam o mundo. (OLIVEIRA, 2016, p. 556)

Tomar minha experiência e o contexto no qual estou inserido, desde o ingresso em minha graduação e os dizeres a respeito de minha escolha de

profissão, colocam-me a refletir em como, de fato, diferenças de gênero podem influenciar de forma muito forte as visões de mundo dos indivíduos em nossa sociedade. Reproduzir concepções relacionadas ao gênero pode afetar a vida e o trajeto de diversos indivíduos da mesma forma como afetou minha trajetória, minha escolha de curso e, atualmente, a escrita deste Trabalho de Conclusão de Curso.

4. METODOLOGIA

Sendo um trabalho de cunho antropológico, este se caracteriza pela ação de olhar a própria prática no cotidiano escolar, tendo como foco minha presença como professor auxiliar do gênero masculino, no trabalho com crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em meio a um ambiente predominantemente feminino.

Olhar para as situações cotidianas é um rico e importante exercício para pensarmos nas práticas exercidas no dia a dia, caracterizando-se por ser uma oportunidade de reflexão quando podemos revisitar os episódios vivenciados. Como destacado por Silva (2000), registrar as operações cotidianas de um sujeito, como as que ocorrem em uma escola, é uma forma de nos aproximarmos da compreensão dos sentidos que atribuem ao que vivenciam. Além disso, olhar para o próprio trabalho enquanto professor auxiliar é o exercício de reelaborar este papel, agir e apropriar-se deste.

Devido ao fato de que hoje o magistério é ocupado por uma grande maioria de docentes do gênero feminino, a presença dos de gênero masculino em salas de aula com crianças pode causar certo estranhamento por parte tanto dos alunos, como de professores e dos pais.

Ter a oportunidade de analisar a fala do outro que comigo interage nas situações cotidianas, e refletir, ainda, o porquê da expressão de certos estranhamentos da presença masculina, me provocou a voltar ao passado da profissão. A história do magistério se constitui como fator relevante para reflexão e desconstrução de conceitos pré-estabelecidos no âmbito das relações de gênero na prática da docência e Mariano (2016), estudando o processo de feminização do Magistério, aponta questões pertinentes para reflexão acerca da entrada da mulher à docência, à visão da maternidade ligada ao papel de professora de crianças, como extensão do lar no final do século XIX.

O local escolhido para registrar e analisar os diálogos ocorridos foi meu ambiente de trabalho, um colégio da rede privada da cidade de Campinas. Esta escolha se deu devido ao fato de ser o lugar em que atuo há três anos e por ter sido minha primeira e única experiência – até o momento – além de ser uma prática pedagógica com crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Para que o leitor tenha maior percepção de quais estranhamentos a que me refiro, foram reconstruídos diálogos que aconteceram durante a interação com os

demais sujeitos que se relacionam comigo no ambiente escolar. Os diálogos são variados, com crianças de diferentes idades e aconteceram espontaneamente durante esse período em que atuo no colégio. Silva (2000, p.3) problematiza essa forma de registro, uma vez que é através dela que é “possível olhar o passado com os olhos do presente”, além de definir que não se trata de uma tarefa que se resume exclusivamente a descrever, mas sim encontrar sentido e explicação àquilo que foi vivenciado.

Ao destacar a importância das memórias e fontes orais, Portelli (1996), pesquisador italiano da História Oral, baseado em narrações de sujeitos sobre situações como a escravidão e períodos de guerra, traz uma importante contribuição sobre o elemento constituinte da subjetividade de cada sujeito, pensando em suas próprias experiências:

A subjetividade, o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem o significado à própria experiência e à própria identidade, constitui por si mesmo o argumento, o fim mesmo do discurso. Excluir ou exorcizar a subjetividade como se fosse somente uma fastidiosa interferência na objetividade factual do testemunho quer dizer, em última instância, torcer o significado próprio dos fatos narrados. (PORTELLI, 1996, pág. 2)

Desta forma, o autor nos ajuda a considerar em como se torna importante a reflexão através do relato da própria experiência. A narração de experiências cotidianas vividas por cada um traz a percepção individual do sujeito, externalizando sua subjetividade, enquanto que a história e pesquisa social dizem respeito a grupos humanos mais vastos (PORTELLI, 1996, p.3). O autor nos chama atenção para o fato de quanto os dizeres de sujeitos comuns são representativos e podem fortalecer assuntos de grupos sociais que muitas vezes não são legitimados ou não possuem um espaço ainda conquistado.

Olhar para a própria experiência enquanto homem e poder falar com propriedade daquilo que vivi, senti, de meus medos e de anseios é diferente do que supor como se sentiria um homem nessa profissão. Cada indivíduo traz, com suas diferentes vivências e perspectivas, maneiras diversas de se orientarem frente à vivência do outro. Para isso, Portelli (1996) nos ajuda a entender em como cada sujeito oferece um campo de possibilidades de experiências, de maneiras diferentes:

A história oral e as memórias, pois, não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias. A dificuldade para organizar estas possibilidades em

esquemas compreensíveis e rigorosos indica que, a todo momento, na mente das pessoas se apresentam diferentes destinos possíveis. Qualquer sujeito percebe estas possibilidades à sua maneira, e se orienta de modo diferente em relação a elas. (PORTELLI, 1996, p.3)

Cada sujeito pode interpretar e se orientar de maneira diferente frente às possibilidades narrativas apresentadas. Narrar a própria experiência pode parecer, a princípio, uma tarefa fácil, mas demanda muita atenção e mobilização interior para organizar todas as possibilidades que surgem de forma clara para interpretação do leitor.

Para contribuir quanto à constituição dos sujeitos e a interação verbal, Bakhtin [Volochinov] (2006) ressalta o ponto de vista da pessoa que fala. Pensando na fala dos sujeitos e na inter-relação social, segundo o autor, “a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação” (BAKHTIN [VOLOCHINOV], 2006, p. 115).

Desta forma, faz-se importante ponderar o fato de que as falas dos sujeitos com os quais eu interajo são socialmente dirigidas. Como mostrado antes, o Magistério se tornou feminino conforme constatamos ao longo da história da educação em nosso país, e o ambiente escolar o naturalizou como espaço de trabalho de mulheres. Sendo assim, a presença de uma figura masculina causa estranheza e influencia na fala dos sujeitos, uma vez que fazem parte de uma estrutura social e que tem suas falas pautadas a partir do meio do qual estão inseridos socialmente.

Tendo as palavras como uma ponte entre o locutor e o ouvinte (BAKHTIN [VOLOCHINOV], 2006, p. 115), é através delas que se construíram os discursos aqui trazidos e que nos possibilitam pensar relações que se estabeleceram entre mim, como sujeito masculino, e os demais indivíduos nas interações do cotidiano e que trouxeram significados nas falas aqui explicitadas.

5. A EXPERIÊNCIA NO TRABALHO COM CRIANÇAS

Minha experiência no trabalho com crianças teve início em 2015, quando estava no segundo ano da graduação em Pedagogia. Desde o ingresso na Faculdade de Educação da Unicamp tive consciência do ambiente predominantemente feminino que me cercava. Todas as turmas que frequentava eram constituídas pela maioria massiva de mulheres. O medo do estranhamento que eu pudesse causar em meu ambiente de trabalho e, automaticamente, frente às crianças, sempre foi um sentimento presente.

A escola em que ingressei no campo de atuação da docência é da rede privada e localiza-se no distrito de Barão Geraldo, em Campinas, cidade de São Paulo. Conforme já relatei no início deste trabalho, minha primeira experiência em sala de aula se deu em uma sala de segundo ano, rodeado de crianças atentas à minha presença, e prontamente me deparei com um diálogo de uma aluna que buscava saber se eu seria professor de alguma matéria específica (professor especialista), uma vez que as crianças ainda não tinham conhecido nenhum professor do gênero masculino que fosse professor polivalente e estivesse frente a uma sala de aula do 2º ao 5º ano.

Quando me coloco a recuperar em minhas memórias as variadas situações referentes à minha presença na escola, como uma figura do gênero masculino, que marcaram meu trajeto até o momento desta escrita, relembro e seleciono experiências que possam ser interessantes e que possam contribuir para reflexão deste trabalho.

Nesta mesma escola, apesar de acompanhar na maioria das vezes as salas do segundo ano, também tive a oportunidade de trabalhar com crianças do terceiro, quarto e quinto ano.

Certa vez, ainda no início da minha experiência no colégio, em uma atividade junto a uma das salas do terceiro ano, estávamos discutindo sobre gêneros textuais, e chegamos à escrita de cartas. Em meio à roda de conversa, enquanto os alunos traziam suas experiências com cartas, conhecimentos e contribuições, sugeri que todos da sala – incluindo a professora titular e a mim, professor auxiliar – colocássemos nossos nomes em uma caixa, para que posteriormente fizéssemos um sorteio para saber para quem escreveríamos, nosso destinatário.

Após esse sorteio, deveríamos escrever uma carta para aquela pessoa que pegamos o nome. Esta seria uma atividade lúdica, para trabalhar a escrita de cartas, endereçamento e detalhes da formatação do gênero epistolar. Além disso, também poderia ser um momento de troca e leituras e uma grande oportunidade de socialização e interação entre todos da sala.

Dias depois do sorteio, combinamos uma data para que todos trouxessem as cartas para a entrega e leitura. Os alunos, que desde o início gostaram da atividade, cumpriram com o combinado, e no dia marcado todos sentamos em roda para a entrega da carta.

Em meio às trocas, recebi a carta do aluno L.S., o qual nunca havia conversado muito, e de quem eu ainda buscava me aproximar. Para minha surpresa, ao ler a carta, me deparei com o seguinte texto:

“Oi tio Chris.

Você está bem?

Você é muito legal. Obrigado por me ajudar nas minhas dúvidas das lições.

Eu estou feliz de ter um professor menino, é a primeira vez que isso acontece.

Gostei da ideia da gente trocar carta na sala de aula.

Eu fico esperando a sua resposta, não vai esquecer.

Tchau, L.”

Neste momento, não tinha havia palavras suficientes para explicar a felicidade que sentia. Apesar de todo medo e insegurança, foi a primeira vez que passei pela experiência, e ainda escrita, de ser reconhecido pelo outro, meu aluno, de forma objetiva com referência a ser uma figura masculina. Bakhtin [Volochinov] (2006), ressalta o quanto as palavras alheias constituem nossas próprias palavras. A cartinha do aluno L. acrescentou em mim novos significados sobre o “ser professor”. A situação social imediata que estava estabelecida naquele momento contribuiu para que houvesse ressignificação, visto que esse locutor do qual falava (aluno L.), tinha uma relação pré-estabelecida comigo entre aluno e professor, e reforçou através das palavras o significado para ele em ter um professor homem em sala de aula.

Compartilhei a carta com a professora F. e conversei sobre meus medos, sobre o ambiente feminino, sobre as crianças, para buscar entender um pouco sobre o que ela pensava. Durante a conversa, a professora F. discorreu sobre o assunto:

“- Chris, eu acho muito importante as crianças terem contato com um professor homem, sabia?

- Por que você acha isso, F.?

- Olha, as crianças estão sempre em contato com mulheres, eu fico feliz de as mulheres ocuparem seus lugares, mas fico triste porque muitas vezes confundem a profissão com a maternidade. E essa carta do L. mostra como falta para eles a referência de uma figura masculina aqui na sala, entende? Eles gostam, Chris...”

Esse comentário da professora F. traz indícios de como até mesmos as mulheres acabam internalizando esse conceito construído socialmente, de que a docência com crianças deve ser ligada à figura da mulher e à maternidade, tal como Demartini E Antunes (1993, p. 7) trazem em seu trabalho, problematizando o fato de que, no final do século XX, havia correntes de pensamento que defendiam justamente a existência de diferenças ditas como “naturais” entre homens e mulheres. Segundo essas correntes, apenas as mulheres eram biologicamente capazes de socializar com crianças, visto que essa é uma das funções da maternidade.

Em outro momento do cotidiano daquela escola, com uma turma do quarto ano, era a hora do parque e as crianças estavam se divertindo em meio ao pega-pega, esconde-esconde, balanço, gangorra, dentre outras brincadeiras, afinal, aquele é um momento muito esperado do dia. A hora do parque costuma ser aguardada com empolgação pelos alunos.

As crianças do quarto ano costumavam conversar bastante comigo e são bastante observadoras. Em um determinado momento do parque a aluna M. que tinha o hábito de conversar comigo sobre os mais diversos assuntos, e era muito atenta aos detalhes, colocou-se a falar:

“- Tio Chris, você já terminou a faculdade?

- Ainda não, M. estou na metade.

- E o que você estuda na faculdade?

- Eu faço o curso de Pedagogia, conhece?

- A minha mãe fez Pedagogia... (pausa para pensar) você vai ser professor igual a minha mãe? (um olhar de surpresa toma conta da aluna)

- Vou sim! Por quê?

- Ah, eu achava que você seria professor de Inglês, igual o professor A. Vocês são parecidos.

- Não M, eu vou ser professor igual a sua mãe, vou ficar em sala com vocês e acompanha-los durante todo o ano, todos os dias. Você acha estranho? Parece estar um pouco assustada.

- Achei diferente, mas queria muito que você fosse meu professor, seria legal, tio...”

A fala da aluna remete mais uma vez a uma situação em que uma criança diz acreditar que estou estudando para ser professor especialista, afinal, elas têm como referência masculina apenas os professores de áreas de conteúdos específicos que atuam no colégio. Esse diálogo reforça o estudo de Oliveira (2016) que apresenta um cenário em que há uma tendência dos homens ocuparem uma forte presença no Ensino Superior, uma vez que se paga melhor pelo trabalho do Magistério. O autor completamente que:

(...) O resultado desse cenário é o aumento do número de mulheres ocupando cargos docentes nas séries iniciais, já que é nesse nível de ensino que geralmente se recebem os menores salários. Em virtude dessa baixa remuneração, consolida-se uma escassa procura masculina por vagas em licenciatura, especialmente em Letras e Pedagogia. (OLIVEIRA, 2016, p.555)

Mesmo que neste caso não sejam professores do Ensino Superior, os professores especialistas da escola em que relato atuam prioritariamente com alunos mais velhos, lecionando poucas aulas aos alunos das séries iniciais. Há nesta instituição maior reconhecimento financeiro aos professores que trabalham com Anos Finais do Ensino Fundamental ou Ensino Médio.

É interessante pensar que, ao mesmo tempo em que a ideia de eu ser um professor polivalente para eles é algo diferente e causa certo estranhamento, eles reagem de forma positiva quando pensam na possibilidade dessa ação, de fato, acontecer.

Situações como essas apresentadas davam segurança para seguir em frente e continuar na profissão, e contribuíram para minha afirmação em meu local de trabalho. Até então, a maneira como as crianças me olhavam ainda era um medo que eu trazia.

Quando entrei na escola as pessoas em minha volta observavam minha presença juntos às crianças, principalmente quando eu estava com os alunos

menores. Certo dia fiquei encarregado de levar um dos segundos anos para a biblioteca.

Já no prédio da biblioteca, como estávamos tendo situações em que as crianças estavam passando por conflitos relacionados às mentiras, a professora pediu para que eu lesse um livro que ela trouxe, em roda, que abordava a questão do respeito na escola, com os amigos e professores.

Durante a leitura, fiz as mais diversas “atuações”, dramatizando o texto, fazendo caras e bocas dos personagens, vozes, brincadeiras. Ao término da leitura, quando era a hora das crianças socializarem sobre aquele momento, a aluna M. fez um comentário que me surpreendeu quando a perguntei o que ela achou do livro e das leituras:

“- M, e você? O que tem que para contar a nós? Gostou do livro?”

- Eu gostei muito, tio Chris, sua voz é grossa, você lê de um jeito muito engraçado, nossa... foi divertido. ”

Apesar desta situação em específico não tratar necessariamente do fato de eu ser homem, nunca imaginei que a questão da minha voz seria algo trazido pelas crianças como algo positivo, e que, indiretamente, reforçava minha figura masculina, uma vez que é muito difícil um homem que participe do momento de contação de histórias, aulas, leituras, e a socialização de forma geral. Bakhtin [Volochinov] (2006, p. 134), destaca a atribuição de significação dada por cada sujeito, uma vez que “a significação não quer dizer nada em si mesma, ela é apenas um potencial, uma possibilidade de significar no interior de um tema concreto”, neste era a possibilidade de significar frente à minha característica da voz grossa, dando entonação valorativa a tal característica.

O autor ainda complementa que “na verdade, a significação pertence a uma palavra enquanto traço de união entre os interlocutores” (BAKHTIN [VOLOCHINOV] 2006, p. 135). O traço de união que percebo e identifico entre mim e a aluna se caracterizou pela ação dela elogiar meu tom de voz, pela ação de adjetivar minha voz como algo positivo para ela.

Depois de certo tempo atuando nesta mesma instituição escolar, e já conhecido frente à grande maioria das crianças, pais e funcionários, uma situação específica sobre o assunto aconteceu e me deixou bastante surpreso.

Enquanto passava no corredor do seguimento, a professora C., do segundo ano, me chamou:

“Chris, vem aqui, por favor!”

- Oi C. o que houve?

- Estávamos aqui na sala fazendo atividades do livro de história, e no desenho do livro as crianças viram que era um professor homem que estava frente à sala (imagem 1). Comentei com eles que antes havia muitos professores homens, mas que, com o tempo, infelizmente a presença dos homens não era mais comum nessa profissão.

- Que legal, e o que eles acharam disso?

- Chris, eles ficaram muito pensativos. Os meninos ali (apontando para uma roda de alunos) comentaram que isso era muito triste, e que eles queriam ter um professor também. Alguns começaram a questionar por que na escola não tinham mais homens. Comentei com eles que você era um exemplo disso, e eles adoraram, acho que não tinham pensado nesta questão ainda...

- Adorei C. fico feliz com isso, e que você tenha abordado esse assunto com eles.”

Imagem 1:



Fonte: Livro Presente história, Moderna, 2015.

Em um momento imprevisto, quando eu menos esperava, fui surpreendido por essa abordagem vindo de uma professora do segundo ano. Frente a um assunto tão pouco abordado, o fato de um desenho, no livro de história das crianças, ter

frente à sala uma figura masculina, trouxe o questionamento das crianças sobre a possibilidade da ocupação masculina de um professor homem com crianças.

Essa situação é capaz de nos mostrar como essa presença ainda é diferente, por assim dizer, e como em algumas profissões como a docência espera-se que determinado gênero esteja à frente. Ferraz (2006) reforça essa questão da divisão sexual do trabalho:

O fenômeno da generificação e da divisão sexual do trabalho na sociedade moderna norteia-se pelos princípios de que o espaço público e o campo produtivo e econômico seriam “lugares” da ação masculina; às mulheres caberia o espaço privado e da reprodução, onde se localizam as práticas do cuidado, da nutrição, da higiene, do controle maternal das crianças. Na escola, a docência nas séries iniciais espelharia, pois, como um seu duplo, o trabalho “natural” que as mulheres já realizavam em casa. (FERRAZ. 2016, p.1)

Mesmo para as gerações atuais, ver um homem em ação no trabalho com crianças causa essa estranheza, uma vez que o fenômeno da divisão de trabalho, pautado na divisão de gênero entre homens e mulheres, alterou a maneira do olhar o modo como as pessoas percebem algumas profissões, esperando que determinados sujeitos - homens ou mulheres - ocupem cargos específicos.

Uma memória que pode exemplificar a questão da ideia de que as pessoas ainda trazem de características masculinas e femininas muito definidas aconteceu na relação com uma professora e não com as crianças. Em uma tarde, na sala dos professores, eu estava escrevendo os exercícios nos cadernos de caligrafia. Então, uma professora que me observava disse:

“- Nossa, que letra linda...

- Gostou? Gosto de fazer caligrafia!

- Sim, mas nem parece letra de homem.

- Como assim?

- Os homens geralmente têm letras feias...

- Eu não acho, acho que isso vem muito de um conceito que as pessoas têm.

Homens também podem ter letra bonita, isso não tem a ver com ser homem ou mulher.

- Você acha isso porque você é diferente, mas os homens não conseguem ter esse capricho, nem trabalhar com crianças, para fazer isso têm que ser muito atento, ter um instinto, homens muitas vezes não sabem lidar com isso, as mulheres sabem”

Por que eu seria diferente dos outros homens? Se eu aprendi, se eu consigo, já não é a mostra de que outros indivíduos do sexo masculino também conseguem? Tentei conversar com a professora para falar sobre a história do Magistério, da presença masculina, de toda transformação já ocorrida sócio-culturalmente. Percebi que as pessoas têm essa ideia de características de homens e de mulheres ainda marcada, e que isso se reafirma na docência com crianças.

Conforme mencionado na Introdução, não somente nesta situação, e não somente em meu ambiente de trabalho, mas em muitos outros, ouvi de sujeitos – mulheres – que não aprovavam minha escolha em ser professor de crianças. Muitas vezes vi que essa desaprovação era acompanhada de discursos em que defendiam que mulheres eram apropriadas para o cargo porque eram mães, e o instinto materno o homem não possuía. Neste ponto Mariano (2006, p. 21 apud KUHLMANN JR., 2007; RIBEIRO, 2007; VILLELA, 2007) nos coloca a refletir ao pensarmos que “a profissão docente e suas respectivas concepções culturais estão intimamente ligadas com as representações simbólicas que a sociedade brasileira possuía sobre a família, a maternidade e a escola”. As pessoas com as quais conversei, muitas vezes traziam essa concepção cultural, e não conseguiam conceber a ideia de um homem atuando com crianças pequenas, trazem ainda essa visão patriarcal aos homens e materna às mulheres.

Todas as situações relatadas antes em relação às crianças me fazem pensar que, apesar de todo estranhamento que eu pudesse causar frente a elas, nenhum preconceito foi manifestado explicitamente. Mesmo que muitas vezes acontecesse a contestação por partes delas, em nenhum momento os alunos viram como problema ou achavam que meu lugar não deveria ser ali. Muito pelo contrário, reforçavam a importância da minha presença.

Minha diferença de gênero para as crianças com as quais tive a oportunidade de interagir nunca foi motivo para recusa ou não aceitação. As crianças, contrariando o medo que eu trazia desde o início da minha graduação, sempre me trataram com respeito, admiração e muito carinho. As manifestações escritas ou faladas por elas foram as maiores provas de que essas não vieram carregadas de preconceitos.

As imagens a seguir (2, 3, 4 e 5) se referem a variados bilhetes e cartinhas que recebi, entregues a mim, espontaneamente, e que dão indícios sobre o carinho

por parte das crianças. São recordações que pretendo sempre guardar e me trazem firmeza para continuar na profissão, passando por cima de qualquer preconceito e lutando para que profissões que foram naturalizadas e pautadas na diferença de gênero sejam ressignificadas. Afinal, o gênero de cada sujeito não deve ser requisito definidor para exercer uma profissão.

Imagem 2:



Imagem 3:

SE: Murilo
PARA: Giv
Obrigado por
me ajudar nas
minhas dúvidas
das lições.

Imagem 4:

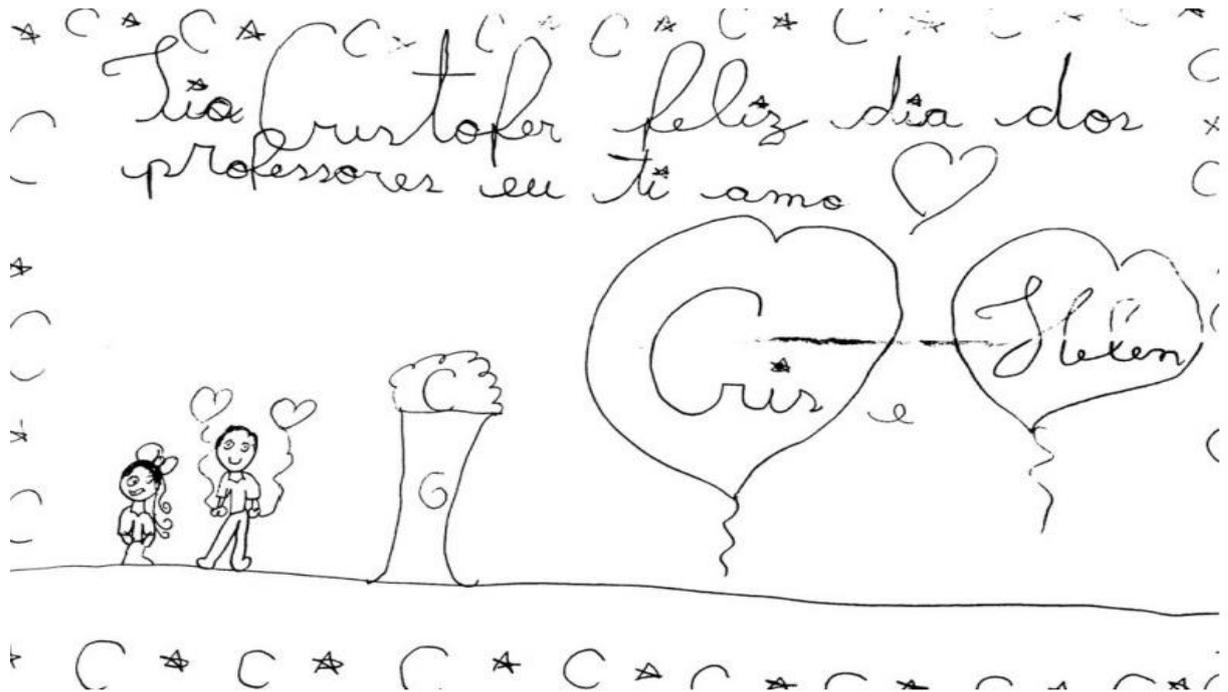


Imagem 5:



Por outro lado, além das crianças, algo que sempre trouxe em minha cabeça foi a questão familiar. Será que as famílias dessas crianças me aceitariam?

5.1 AS FAMÍLIAS

O contato com as famílias dos alunos da escola em minha trajetória começou cedo. Isso porque, como eu acompanhava em grande parte do tempo crianças do segundo ano, havia de estar sempre próximo a eles, além do que era eu quem os levava diretamente aos seus pais na hora da saída.

Certa vez, em uma saída com o segundo ano, a professora F., que estava em uma gravidez em estágio avançado, pediu para que eu fizesse a saída das crianças – sozinho – uma vez que ela não estava se sentindo muito bem.

Era fim de período, juntei toda a turma. Assim que o sinal batesse, todos os segundos anos deveriam encaminhar-se para o pátio. Ficou marcado que naquele dia eu estava à frente de uma sala com vinte e três alunos. Eu, homem, barbudo, com vinte e três crianças pequenas e sorridentes – ou não – grudadas em mim.

Como de costume, as outras salas foram à frente. Não me esqueço nunca que assim que cheguei, com a última sala, muitos olhares se voltaram a minha presença, principalmente daqueles que eram pais das crianças as quais eu estava como responsável. Minha percepção foi a de que os pais (homens) eram os que tinham os olhares mais desconfiados (ou seria algo da minha cabeça?).

Os pais me olhavam atentamente. Em um primeiro momento pensei que poderia ser pelo fato de eu ser relativamente novo naquele colégio, por outro lado, me respondia *“mas já é seu segundo ano aqui, as pessoas te conhecem”*. Seja qual tenha sido o motivo, naquele momento me tornei o foco de muitos pais, até que então, um pai, homem, se aproximou de mim e perguntou:

“- Você... quem é?”

- Boa tarde, me chamo Christopher, professor auxiliar dos segundos anos. Tudo bem?

- E quanto à professora onde está?

- Ela não estava se sentindo muito bem, então pediu para que eu fizesse a saída. Posso ajudar em algo?

- Não, só queria saber se estava sozinho com as crianças. ”

No exato momento em que essa fala aconteceu eu não me dei conta da situação, no que poderia estar subentendido. Apenas fiz a saída como qualquer pessoa faria. Algumas horas depois, enquanto repensava sobre essa primeira experiência, voltei a refletir sobre o diálogo com o pai e pensar sobre aquilo que citei

sobre estar subentendido. Por que o pai queria saber se eu estava sozinho com as crianças? Será que os pais estavam com medo de mim? Eu, como figura masculina, ofereço um perigo às crianças? Será que eu deveria me afastar? Não deveria ter qualquer tipo de contato físico, como por exemplo, abraçá-las? Como eu deveria agir?

Naquele momento um mar de inseguranças tomou conta de mim. Cheguei a achar que eu estivesse na profissão errada e que aquele não deveria ser o meu lugar. Afinal, eu estava sozinho, em um quadro totalmente feminino. Todo mundo sempre disse “essa profissão é de mulher”, e por mais que eu soubesse que isso não existe, e que profissão nenhuma deve ter como pré-requisito o gênero do indivíduo, meu medo foi se tornando tão grande que parecia que eu estava me rendendo a acreditar em discursos de senso comum.

Passada tal experiência, comecei a me aproximar de alguns pais, e buscava em nossas conversas explicitar meu desejo em me tornar um professor titular, ter uma sala, minha paixão pela profissão e pelas crianças, e comentava sobre qual curso de graduação eu cursava. Usando dessa tática, além de esperar criar um vínculo com os pais e, conseqüentemente, tranquilizá-los apresentando quem eu era, buscava também de alguma forma saber o que eles pensavam a respeito ou se estavam confortáveis quanto a isso.

Todas as experiências que tive na relação com os pais de forma direta, não trouxeram nenhuma fala negativa – além da relatada antes - por parte deles ou algo que necessariamente me marcasse. Por outro lado, muitas vezes quando comentava com as famílias que cursava Pedagogia e que esperava estar responsável frente a uma turma, a grande maioria respondia com expressões como “Que lega!” “Estou torcendo por você!” “Meu filho(a) gosta muito de você, quem sabe você não dá aula para ele um dia”, dentre outras.

Espero que possa realmente atuar com as crianças agora que termino minha graduação de fato, e que consiga que os outros sujeitos me reconheçam pela minha competência e dedicação no trabalho com os seus filhos, e não pelo meu gênero. Além disso, que as pessoas vejam que exercer a docência com crianças não é uma questão de maternidade, e sim uma profissão que independe de ser homem ou mulher, masculino ou feminino

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trazer a prática como ato de reflexão foi importante para (re)pensar sobre minha presença como professor auxiliar – homem - no trabalho com crianças. Refletir sobre o processo histórico em que ocorreu a feminização do Magistério, é uma forma de olhar para o passado e entender nosso cenário atual, com a predominância feminina na docência, por vezes ligada à figura da maternidade, do cuidado de mãe, à delicadeza. Mas que por outro lado também representa a força e ocupação das mulheres no mercado de trabalho.

Atuar com crianças dos Anos Iniciais Ensino Fundamental, sendo homem, é uma experiência que traz suas dificuldades que começam desde a escolha do curso de graduação, em que nos deparamos o com discurso de grande parte da sociedade, apontando a profissão como feminina - colocando essa questão como um problema, até a conquista no mercado de trabalho, quando vemos anúncios com exigência pelo sexo feminino.

Observar as falas das crianças em meu cotidiano mostrou como ser homem desperta estranhamentos no ambiente escolar, mas que, apesar dos estranhamentos apresentados, as crianças não trazem preconceitos ou barreiras frente à minha presença, pelo contrário, reforçam a vontade em também terem professores do gênero masculino.

Além disso, narrar a própria experiência foi essencial para refletir e contribuir sobre o olhar ao outro, como constituinte da nossa formação. Também quanto à subjetividade daquilo que o outro diz, da marca que existe na fala dos sujeitos inseridos na sociedade e que acompanham estruturas sociais já pré-estabelecidas.

Perceber os vários sentidos que permeiam a constituição do reconhecimento social e cultural do profissional do Magistério, me ajudou a compreender melhor meu processo de constituição como professor. Ao me propor esse entendimento, creio poder contribuir para o processo de compreensão de outros futuros professores, às crianças e suas famílias, e a sociedade de modo geral.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

COMVEST. **Perfil Socioeconômico Geral**. Disponível em: <<http://www.comvest.unicamp.br/estatisticas-comvest/estatisticas-sociais/perfil-socioeconomico/perfil-socioeconomico-geral/formulario-de-consulta/>>. Acesso em: 03 nov. 2017.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; ANTUNES, Fátima Ferreira. **Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina**. In: Cadernos de Pesquisa nº 86, Fundação Carlos Chagas. São Paulo, 1993.

DREGUER, Ricardo; MARCONI, Cássia. **Presente história**. – 4. Ed – São Paulo: Moderna, 2015.

FERRAZ, Raimundo Cassiano. **Gênero, masculinidade e docência: visão de alunos de Pedagogia**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 7., 2006, Florianópolis. Anais eletrônicos... Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDO E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse Estatística da Educação Básica 2016**. Brasília: Inep, 2017. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>>. Acesso em: 03/11/2017

MARIANO, Jorge Luís Mazzeo. **As influências do trabalho docente feminino na cultura escolar do extremo Oeste Paulista (1932-1960)**. 2016. 400 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2016.

OLIVEIRA, Helvio Frank. **Indivíduos do sexo masculino no curso de letras: performances discursivas, gênero e profissão docente**. In: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos v. 97, n. 247. Brasília, 2016.

PEREIRA, Maria Arlete Bastos. **Professor homem: o estrangeiro na Educação Infantil**. - 1. ed. - Curitiba: Appris, 2016.

PORTELLI, Alessandro. **A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais**. Tempo, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

SILVA, Leila Cristina Borges da. **As práticas de leitura e escrita vivenciadas pelas crianças : a escola, a família e outros personagens**. 2000. 88 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.